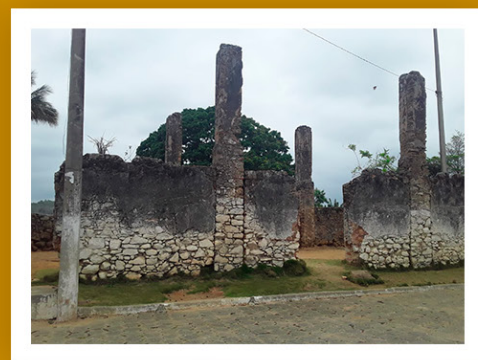
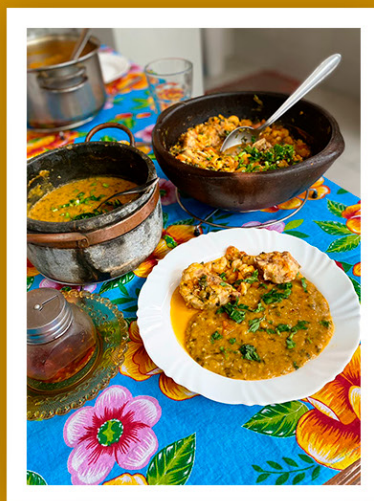
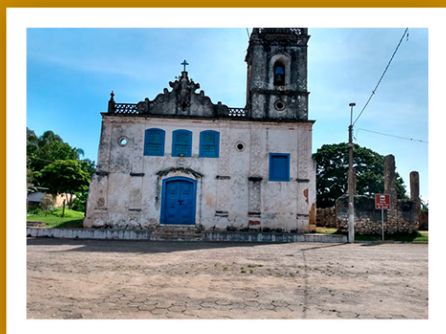


Guia Antropológico de ARACATIÇA

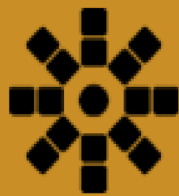


Sidney Rodrigues
Maria José de Resende Ferreira
Aldo Rezende



Edifes
ACADÊMICO

DESCRIÇÃO TÉCNICA



Edifes

Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Espírito Santo
R. Barão de Mauá, nº 30 – Jucutuquara
29040-689 – Vitória – ES
www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Reitor: Jadir José Pela
Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitora de Ensino: Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitor de Extensão: Lodovico Ortlieb Faria
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: André Romero da Silva
Coordenador da Edifes: Adonai José Lacruz

Conselho Editorial
Aline Freitas da Silva de Carvalho * Aparecida de Fátima Madella de Oliveira * Eduardo Fausto Kuster
Cid * Felipe Zamborlini Saiter * Filipe Ferreira Ghidetti. * Gabriel Domingos Carvalho * Jamille Locatelli
* Marcio de Souza Bolzan * Mariella Berger Andrade * Ricardo Ramos Costa * Rosana Vilarim da
Silva * Rossanna dos Santos Santana Rubim * Viviane Bessa Lopes Alvarenga.

Revisão de texto:	Projeto gráfico:	Diagramação:	Capa:
Sidney Rodrigues	Sidney Rodrigues	Carolina de Paula Tavares	Sidney Rodrigues

Imagem de capa:
Patrimônio Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário(a) responsável: Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/ MG – 3.116

DOI: 10.36524/9788582635995

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil.



Guia Antropológico de ARAÇATIÇA

Sidney Rodrigues
Maria José de Resende Ferreira
Aldo Rezende

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

R696g Rodrigues, Sidney.

Guia Antropológico de Araçatiba [recurso eletrônico] / Sidney Rodrigues, Maria José de Resende Ferreira, Aldo Rezende. – 1. ed. - Vitória : Edifes Acadêmico, 2022.

69 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-599-5(*E-book*)

1. Ensino profissional. 2. Relações étnico-raciais – Educação. 3. Comunidade e escola. 4. Quilombolas – Espírito Santo (Estado). 5. Guia de turismo – Educação – Estudo e ensino. 6. Professores – Formação I. Ferreira, Maria José de Resende. II. Rezende, Aldo. III. Instituto Federal do Espírito Santo. IV. Título.

CDD 21 – 374.013

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

DOI: 10.36524/9788582635995

Guia Antropológico de ARAÇATIBA

Sidney Rodrigues
Maria José de Resende Ferreira
Aldo Rezende



APRESENTAÇÃO

Não se trata de um manual ou um caminho a ser percorridos para apenas dar publicidade à pessoas e a lugares. Em tempos tão sombrios marcado pelo negacionismo da ciência, pela apologia à violência entre os seres humanos e permanentes apagamentos, este trabalho intitulado “Guia Antropológico de Araçatiba”, pretende revelar o compromisso ético-político de pesquisadores e educadores em jogar luzes sobre a história e a memória de uma comunidade que tem em seus ancestrais, o povo indígena e o povo negro, o sentido da própria existência e resistência. Luzes para dar visibilidade e assim fortalecer a identidade e o sentimento de pertença dos moradores de Araçatiba em relação ao patrimônio histórico e às manifestações da cultura material e imaterial, além das histórias, lendas e causos que merecem ser conhecidos, contados e valorizados. Fica aqui registrado o nosso olhar sobre um lugar que pulsa vida, “vida em comunidade”. Convidamos você também a se permitir entrar no campo da ciência dos seres humanos, em suas mais diversas dimensões que, compreendidas e apreendidas em sua totalidade, em muito contribuirá para o necessário movimento de repensar nosso papel histórico pela construção de um mundo melhor: pelo direito de ser feliz!

EM ARAÇATIBA

Quando estou em Araçatiba
Só me lembro de coisa boa
O mundo gira no tempo
O meu pensamento voa.

Eu tinha 6, 7 anos
Mas já saia bem cedinho
Buscar leite na fazenda,
pra alimentar

Meus irmãozinhos.

E aí oi mãezinha
Fazia eu levantar cedo
Mandava ir até a fonte,
pra pegar
Água limpinha.

Mesmo fazendo frio
Pisando na relva molhada
Assobiando baixinho
Imitando a passarada.

Com os conselhos da minha mãe
Assim crescendo eu ia
Com todo rigor da vida,
eu era feliz
Mas não sabia...

E aí, oi mãezinha...

Hoje, depois de muito tempo
Bem mais de 60 anos
Quando vem a saudade
Vou visitar meus amigos manos

Sentir o cheiro da terra
Onde comecei a vida

A emoção bate mais forte, eu
estou em

Araçatiba.

E aí, oi mãezinha...

FIGURA 1: Malveni Cezarino



Fonte: Acervo de Malveni Cezarino (2020)

A música, em ritmo de baião de viola, foi composta em 2019 pelo cantor, compositor e instrumentista Malveni Cezarino, 73 anos, antigo morador de Araçatiba. A letra da canção retrata suas lembranças pessoais e parte do contexto sociocultural das pessoas que viveram em Araçatiba nos anos 1950. Dá para imaginar um lugar tranquilo e agradável, de costume rural, belezas naturais e rico patrimônio cultural.

SUMÁRIO



10

1. Localização

12

2. História do lugar

28

3. Patrimônio material e imaterial

- 3.1. Sítios arqueológicos.
- 3.2. Recursos hídricos: vias de transporte no período colonial
- 3.3. Morro ou “Pedra de Araçatiba”
- 3.4. Igreja Nossa Senhora da Ajuda
- 3.5. Festividades religiosas
- 3.6. Congo
- 3.7. Festas tradicionais
- 3.8. Causos e lendas
- 3.9. Caminhada ecocultural de Viana
- 3.10. Artesanato
- 3.11. Gastronomia

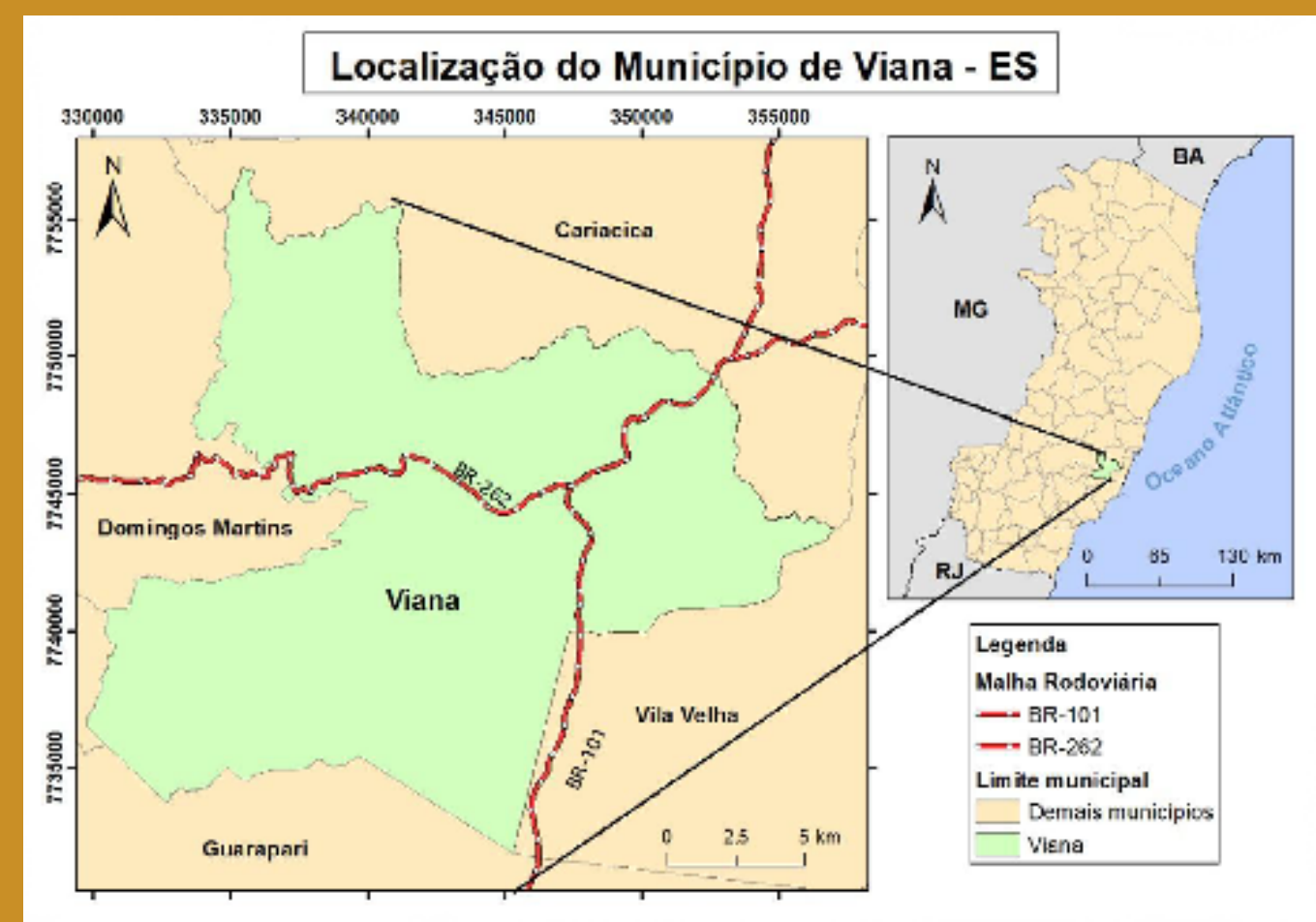
4. Guias mirins



LOCALIZAÇÃO

O lugar Araçatiba localiza-se no município de Viana, região metropolitana da Grande Vitória, a cerca 6 km da BR 101, rodovia federal de grande importância para o estado do Espírito Santo. A localidade abriga uma comunidade remanescente de quilombos, cuja origem está vinculada às atividades socioeconômicas e culturais desenvolvidas no período colonial brasileiro e ao processo de luta e de resistência pela manutenção do território quilombola.

FIGURA 2: Localização do município de Viana - ES



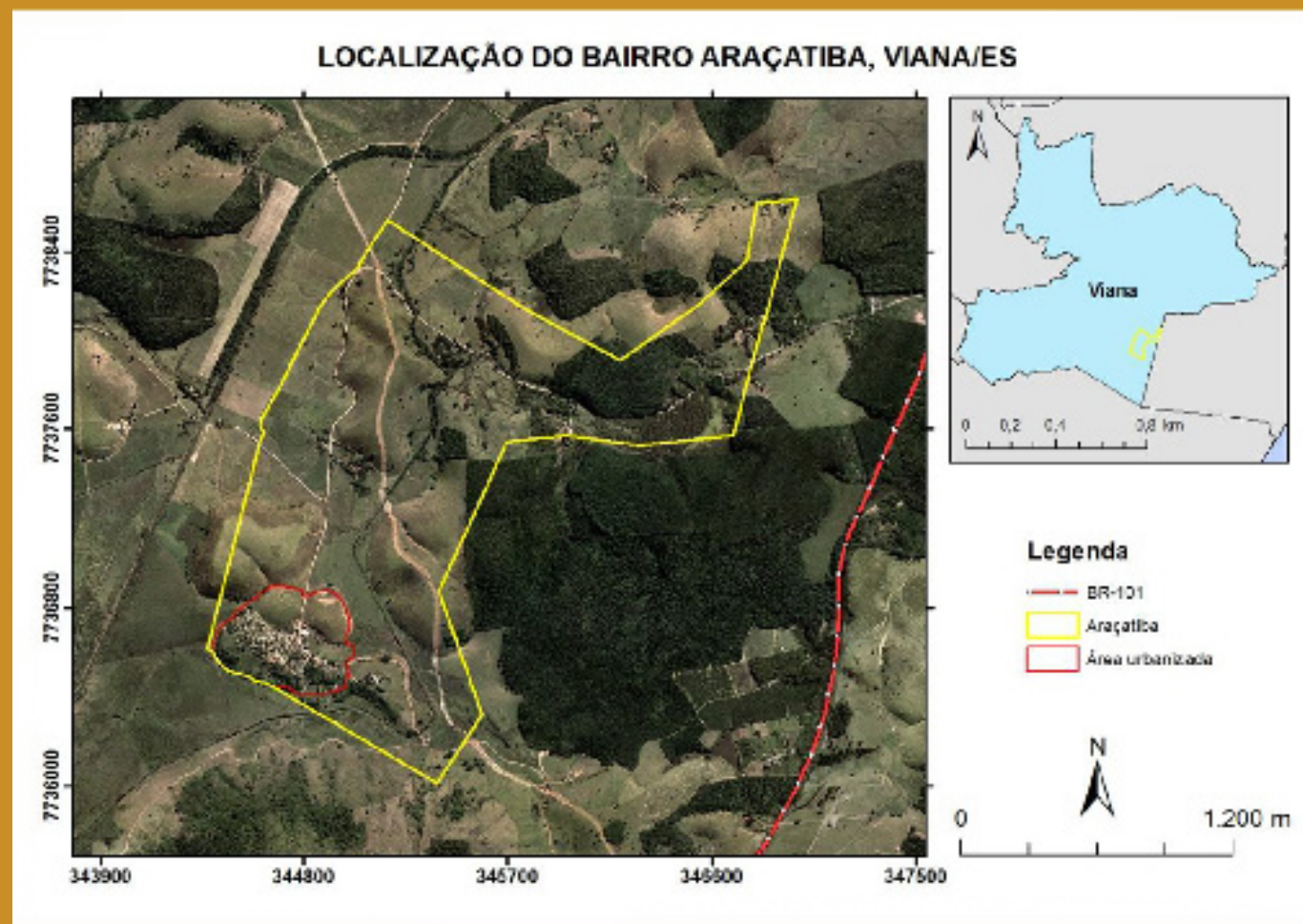
Fonte: Sidney Rodrigues (2021)



HISTÓRIA DO LUGAR

Situada a 23 km da sede do município, a maior parte da vegetação original compreende a Mata Atlântica, e em seus arredores encontram-se cursos d'água que fazem parte da sua história, como os rios Jucu e Jacarandá.

FIGURA 3: Bairro Araçatiba no município de Viana - ES



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

Figura 4: Araçazeiro¹.



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

O nome “Araçatiba” é de origem indígena², sendo decorrente de existir na região grande quantidade da árvore denominada araçá, cujo fruto é possível de ser consumido. Além disso, segundo relato dos moradores, tem a ver com uma lenda indígena tupiniquim como homenagem à filha do cacique, chamada “Tiba”: a morte da menina teria entristecido o chefe indígena que em sua homenagem associou o seu nome ao fruto, dando nome ao lugar, assim como também à fazenda que foi construída na localidade.

¹ Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/araca/#:~:text=É%20um%20termo%20de%20origem,ocorrem%20em%20todo%20o%20Brasil>. Acesso em 06/06/2022.

² O Dicionário Ilustrado Tupi Guaraní apresenta o termo Araçá para designar um conjunto de plantas das famílias das Mirtáceas, Melastomáceas e Rubeáceas que podem ser encontradas em todo o Brasil. Das várias espécies, podemos apontar: Araçá-vermelho, Araçá-cinza, Araçá-felpudo e Araçá-guaçu.

Embora ainda restem dúvidas quanto à data exata de fundação, sabe-se que os religiosos jesuítas chegaram a Araçatiba pelas águas do rio Jucu e fundaram a fazenda de Araçatiba, que viria a se tornar a maior propriedade da costa brasileira.

A catequese - estratégia de divulgação do cristianismo - também foi utilizada a serviço da Coroa portuguesa com o propósito de dominação e exploração dos povos nativos. Nesse cenário, com a finalidade de ter acesso à baía de Vitória, a mão de obra indígena foi empregada para a construção de um canal para ligar o rio Jucu ao rio Marinho. Assim, foi por meio dos cursos d'água que se desenvolveu o comércio do açúcar produzido na fazenda, sendo transportado por canoas para abastecer a sede da capitania, na ilha de Vitória.

Figura 5: Rio Jucú (2022)



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

A expulsão dos religiosos jesuítas do Brasil, a partir de 1759, trouxe importantes consequências sociopolíticas e econômicas para a fazenda de Araçatiba acarretando novos arranjos socioespaciais. À vista disso, apropriedade jesuítica foi a leilão.

Por volta de meados do século XIX, a fazenda e os seus bens passaram para as mãos de um novo proprietário: Coronel Sebastião Vieira Machado. Esses acontecimentos marcam uma nova fase no território e as obras de reforma da Igreja Nossa Senhora da Ajuda, construída ainda no período jesuítico.

Figura 6: Janne Coutinho da Silva Santos e José Fábio Coutinho.



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

A igreja era muito, muito singela. Depois Sebastião Vieira Machado, com os escravos, fez essa estrutura. Porque a igreja não era essa! Era uma capela, e a devoção era a Santo Inácio de Loiola. Porque eles (os jesuítas) são inacianos, não era à Nossa senhora. Não tinha devoção à Nossa Senhora da Ajuda ainda. Ele (Sebastião Vieira Machado) construiu a igreja e trouxe Nossa Senhora da Ajuda de Portugal.[...] Ele viveu pouco aqui. Um dado interessante é que...no portal da igreja 1849, né, quando ele fez essa estrutura com os escravos, com os negros escravizados. Aí, depois ele é enterrado dentro da igreja. E sabe quando ele morreu? em maio de 1856. [...] aí, depois dizem, a história conta que ele foi casado com uma negra, amigado com uma negra. E aí depois da morte dele é...depois da abolição, os negros não tinham pra onde ir, né. Vai pra onde, depois da abolição [...] sem nada, sem comida, sem nada? Eles permaneceram aqui em Araçatiba. Eles não foram embora!(JANE COUTINHO DA SILVA SANTOS, 2022) .

Quando eu era criança ainda tinha uma ex escrava aqui, chamava-se Anastácia Maria da Conceição. Ela contava, ela tinha uma casa ali na frente. A gente ia levar água pra ela, ela contava pra gente. naquele tempo o rio não era poluído, né. A gente trazia água do rio, colocava no filtro, a água era boa tomar, né. Não tinha nada de poluição na época. Nós levava água pra ela. Ela contava, contava história pra gente: “o coronel era muito bom pra nós” - Sebastião Vieira Machado. Fazia aquele trabalho escravo, mas ela não apanhava nem nada. O escravo não apanhava no tronco. Aqui não teve tronco. Eles não eram chicoteados no tronco. Castigo sempre existiu! Não existiu trabalho sem castigo (EMILIANA COUTINHO DA SILVA, 2022).

Figura 7: Emiliana Coutinho da Silva, “dona Nini”



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

Embora tenha se tornado menor, tanto em termos de área quanto em número de negros escravizados, a partir do momento em que passou a compor o patrimônio de Sebastião Vieira Machado, a propriedade recuperou parte da relevância socioeconômica e cultural dos tempos jesuítos. Isso pode ser comprovado pois a fazenda passou a contar novamente com boa infraestrutura, agrícola e industrial (CIRILLO, 2017).

Após a morte de Sebastião Vieira Machado, a fazenda foi repartida entre os herdeiros que doaram parte das terras à Nossa Senhora da Ajuda, hoje considerada padroeira da comunidade.

Com a abolição da escravidão, os 21 herdeiros do coronel Sebastião Vieira doaram cerca de 21 hectares das terras em nome da Nossa Senhora da Ajuda [...]. Esta doação foi feita com o intuito e com a condição de que os negros permanecessem nas terras, com o compromisso de zelarem pela Igreja e pela Santa (CIRILLO, 2017, p.54).

De acordo com os moradores, dos vinte e um hectares doados à Nossa Senhora da Ajuda restam menos de cinco. Essa redução está relacionada ao fato de que muitos fazendeiros ocuparam parte das terras doadas originalmente à Igreja Católica, instituição religiosa.

Com a abolição da escravidão e no âmbito das transformações socioeconômicas e culturais ocorridas durante o Século XX, destaca-se que no território de Araçatiba, o processo de urbanização, embora lento, provocou reconhecidas alterações na paisagem.

Figura 8: Araçatiba nos anos 1950



Fonte: Acervo de Malveni Cezarino

Figura 9: Araçatiba nos anos 1950



Fonte: Acervo de Malveni Cezarino

Moro aqui há 54 anos, que é a idade que eu tenho. [...] Era estrada de chão, né. Chovia, a gente ficava presa. Não podia sair, né, muita lama. Hoje não! Graças a Deus tem o calçamento, tem o asfalto também que melhorou muito e tem, também, a linha de ônibus que melhorou muito. Agora tem o transcol, que é de hora em hora. No passado a gente saía pela manhã e tinha que voltar à tarde: a gente saía com o propósito de fazer tudo que tinha pra fazer, sabendo que ia voltar só à tarde. Ou então a gente ia, e se quisesse voltar mais cedo teria que vir a pé, caminhando, né, na estrada. A gente vinha até a pista e dali a gente vinha andando. A gente saltava lá e vinha a pé. Dava uma hora e meia [...].

Na minha época, nas casas, era contada a casa que tinha energia. Era contada a casa que tinha televisão. A minha casa mesmo não tinha! Quem não tinha energia em casa, usava lamparina. Eles pegavam, tipo uma latinha de óleo, né, e cortava, fazia tipo um funil. Ali, eles pegavam um cano, né, torcia e molhava com querosene, na época, né, e molhava ali pra tá sempre aceso. E o querosene embaixo, molhando o pano que ficava ali, né. A gente usava aquilo ali! Essa é a lembrança da minha infância. Fogão à lenha, que a gente fazia lenha na mata. Era isso! Roupa a gente tinha que lavar no poço ou no rio. O rio era muito importante, a mata dá lenha pra poder fazer os alimentos, porque a gente usava fogão à lenha. A água a gente carregava do poço, também, pra encher as caixas que na época a gente não tinha água em casa. A gente tinha que ir lá no poço pegar a água. Todo santo dia! Pegar a água pra não deixar faltar [...] (Relato de Elisabeth Ribeiro Gomes, moradora da comunidade e funcionária da EMEF Araçatiba).

Característico desse período, especificamente durante as décadas de 1960, 70 e 80, destaca-se o veículo “mil e uma utilidades”, de propriedade do senhor Josué Crescencio da Silva. Sua utilização abarcava o trabalho de buscar lenha e água para cozinhar, levar o pessoal para trabalhar na roça e trazer mantimentos. No âmbito cultural, era utilizado para levar atores, músicos e aparelhos de som para os eventos e festas fora da comunidade.

O delegado era amigo de meu pai e sempre pedia auxílio pra manter a festa em ordem e às vezes prender meliantes. Meu pai era bem destemido e adorava esta parte. A comunidade tinha muito respeito por ele. Meu pai não era polícia mas tinha cacetete, um boné e uma farda. Arma ele sempre teve (JOSÉ FÁBIO COUTINHO DA SILVA, 2022).

Figura 10: Veículo Rural Willys



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

Figura 11: Rua de acesso à Igreja Nossa Senhora da Ajuda.



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

Figura 12: Estrada de acesso ao bairro Araçatiba.



Fonte: Sidney Rodrigues (2021).

Mesmo que de forma lenta, a dinâmica socioespacial é possível de ser apreendida a partir das relações econômicas e sociais que se modificam e imprimem novas territorialidades e configurações espaciais, sem, contudo, apagar a história e memória do lugar.

Quando tomamos como referência os períodos denominados “a grande fazenda jesuítica” e o período em que esteve sob domínio da família Vieira Machado (CIRILLO, 2017; VERTELO, 2017), percebemos que as rugosidades, construções materiais que carregam consigo as particularidades dos tempos em que foram criadas (SANTOS, 2008), estão presente no território expressas nas manifestações da cultura material e imaterial preservadas.

Particularmente em relação ao espaço físico, verificamos a fragmentação do território inicial, ainda quando estava sob o domínio dos jesuítas. Tal reconfiguração espacial, impactada pelo processo de globalização, implicou uma nova realidade onde o território passou a ser ocupado por novas formas de uso e ocupação com destaque para as funções residenciais, comerciais e produtivas rurais que expressam novas territorialidades: modos de vida e aspectos culturais. Nesse caso, é importante considerar que a cultura está em constante mudança e movimento.

[...] Nós somos descendentes deste grupo de negros escravizados, nesse território. É muito diverso a questão, o significado de quilombo [...]. Foi o lugar que nós permanecemos em grupo, tentando manter, resistindo. A questão da resistência. O verdadeiro significado de quilombo é isso: é um espaço comum entre todos. [...] Ser quilombola é a parte mais importante pra gente. É... a importância de ser quilombola pra gente, a gente guardar uma história, você saber da importância dela, da contribuição dos seus antepassados, pra história do Brasil, não só pra Araçatiba. Então essa questão de ser quilombola é de muita responsabilidade, porque você vai resistir num mundo que tem racismo, que tem tanta interferência, você permanecer mantendo a sua história e as suas raízes, então é a melhor parte pra gente é a questão da origem da gente, porque aonde a gente vai a gente fala assim: sou quilombola, sou lá de Araçatiba. Então a gente vai reafirmando e repetindo a sua história pra ela não morrer (JANNE COUTINHO DA SILVA SANTOS, 2022).

Nessa perspectiva, destaca-se a curiosa rivalidade que existia no passado, entre os moradores que viviam na parte baixa e os que moravam na parte mais elevada do bairro.

Figura 13: Andressa Machado, moradora de Araçatiba.



Fonte: Arquivo de Andressa Machado (2022)

Ninguém sabe dizer, era como se fosse uma herança, né, de nomes. Então tinham os nomes, aí tinham as pessoas que brincavam, então só brincavam aqui, e outros brincavam lá.

Aí tinha também essa questão da igreja, né, tinham as pessoas que ficavam mais próximas da igreja, e tinham outras que não, então acho que isso acabou gerando um conflito de interesses, assim, então acabou surgindo essa divisão: baixada e morrada (risos). Mas isso durou até os meus 19 anos, ou até menos e aí, quando tinham pessoas, não eram todo mundo, né, mas tinham as pessoas que levavam isso a ferro e fogo, então, às vezes quando se encontravam discutiam e tal, mas hoje, assim, te dizer qual foi o motivo ninguém vai saber, garanto pra você que ninguém vai dizer assim “ah! Foi por causa disso” [...]. A gente morava na meiada, né, que a gente não morava nem na morrada, nem na baixada (risos). Então a gente morou sempre nesse mesmo lugar. Porque a gente se dava com todo mundo, a gente gostava de todo mundo (ANDRESSA MACHADO, 2022).

Diante dessa realidade, setores da comunidade estão empenhados em fortalecer a identidade étnica e cultural. Nessa dimensão, é fundamental considerar o rico patrimônio material e imaterial presente no território quilombola e o direito à propriedade das terras como fator fundamental para a manutenção da cultura, da identidade e do pertencimento.

Com base nesses valores torna-se significativo conhecer a história do lugar, sua formação e desenvolvimento, assim como seus hábitos e costumes para compreender a comunidade com vistas ao fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos moradores para a preservação da cultura local.

Sob o aspecto educativo, cabe destacar o papel dos educadores da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Araçatiba em se colocar como mediadora entre os saberes da comunidade e os conhecimentos escolares. Nesta dimensão, o vínculo tem se dado na ênfase ao resgate histórico e cultural. Assim, apoiado nos saberes produzidos na relação escola-comunidade, passamos a apresentar alguns aspectos do seu significativo patrimônio cultural.

Figura 14: Texto de Lana Evelyn, 11 anos.

Araçatiba um lugar muito alegre, importante especial que Produzia muita cana de açúcar
Araçatiba um lugar com pessoas enriquecidas
esse lugar, é tem importante que já até
veio um príncipe nesse lugar tinha vários
embarcamentos aqui também tinha muitos
mais muitos pés de cana mais com
um tempo os pés de cana foram cortados
os moradores das famílias de Araçatiba não
descendentes de africanos e indígenas a
igreja é, uma das coisas mais importantes
do bairro tem vários outros, pontos
mais eu acho que a igreja tem os
quais mais que foram das coisas
mais importante do bairro eles não
formados por alunos da EMEF Araçatiba.
A fazenda de Araçatiba era tão grande
que ultrapassava tudo.
A igreja de Araçatiba teve sua
primeira reforma em 1849 e até hoje
está em pé, mas está um pouco
Lana Evelyn: 11 anos.

Fonte: Arquivo da EMEF Araçatiba (2022)



PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

3.1. Sítios Arqueológicos

O Sítio arqueológico I, local onde é possível encontrar recipientes de cerâmicas indígenas, configura-se como um dos mais importantes elementos do rico patrimônio cultural de Araçatiba.

Figura 15: Sítio arqueológico I



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

O “Sítio arqueológico Araçatiba II” diz respeito à área onde no passado esteve localizado o entreposto comercial de Araçatiba. Segundo Vertelo (2017, p.94), “ainda na primeira metade do século XX, era possível ver a importância do porto de Araçatiba como um ponto para escoar a produção do entorno da fazenda Araçatiba [...]”.

Figura 16: Sítio Arqueológico II



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

Segundo os moradores, funcionava como posto de abastecimento e local de busca de encomendas e escambo. Este entreposto comercial esteve em atividade até os anos 1970, e, como pode ser observado na figura 16, é patrimônio cultural reconhecido pelo IPHAN.

No depoimento a seguir, o senhor Benedito Francisco do Nascimento, morador de araçatiba, descreve como era o lugar em meados do século XX e conclui relatando a dificuldade imposta pelo meio geográfico natural. Seu Benedito, como é conhecido no lugar, trabalhou na roça, foi vaqueiro e tomava conta de fazendas, por isso, conhece muitos relatos sobre as tradições da comunidade.

Figura 17: Benedito Francisco do Nascimento, morador de Araçatiba.



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

Tinha um porto de canoa, aqui, ali onde tem o vestiário do time, ali o rio vinha até ali, tinha um porto de canoa. As canoa vinha ali. Então, meu, o finado meu pai ele cortava banana, milho, feijão e botava na canoa, ele e meu irmão e ia remando até Vila Rubim.

Travessava o mar, com a canoa, aí chega lá. E ele trocava aquele negócio, ou vendia, trocava ou vendia, aí comprava as coisa, botava na canoa e voltava. chegava aqui, descarregava e ia lá pro sítio que agente tinha. Nós morava lá. Ele levava as coisas pra lá. Mas era muito difícil, minino! O tempo de viagem era de praticamente um dia, remando. A ida era até mais fácil, o rio ajudava, mas a volta, a água contra, era mais difícil (BENEDITO FRANCISCO DO NASCIMENTO, 2021).

3.2. Recursos hídricos

A cerca de 300 metros da entrada do bairro, ao lado do campo de futebol, é possível observar uma paisagem formada por um vale cercado por várias colinas com vegetação formada por arbustos, árvores espaçadas, de pequeno e médio porte, e muito capim. Segundo os moradores, havia na localidade vários cursos d’água e muitos desapareceram por completo por conta de algumas intervenções realizadas no local.

Figura 18: Rio Preto após intervenções em seu curso original



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

Como sabemos, a rede hidrográfica é de grande importância para o desenvolvimento das sociedades pois serve como meio de transporte, para a agricultura e como fonte de alimentos. Em Araçatiba não foi diferente! É o caso do rio Preto que passou por um processo de dragagem que modificou seu percurso e hoje apresenta um traçado retilíneo, mas durante muito tempo foi utilizado pela comunidade como meio de subsistência.

Na família do Senhor Luciano, um dos comerciantes mais antigos da comunidade, a atividade comercial é uma tradição que foi passando de geração em geração até que ele assumiu a mercearia.

FIGURA 19: Luciano Carvalho Vieira, morador de Araçatiba.



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

O comércio, assim, na época tinha muita coisa assim que vinha roça, principalmente a farinha que a gente não esquece nunca, né, principalmente a farinha torrada na roça mesmo. Eles traziam no lombo dos animais, das mulas, né. Aqueles balaio. Aí a farinha mesmo era um produto que aquela farinha gostosa torradinha, quentinha, na hora. Era um produto que todo mundo comprava. Tinha secos e molhados, né, como as pessoas diziam na época. Tinha a mercearia e tinha já o bar também, né. Vendia bebida e coisas de mercearia também. Eu mesmo, particularmente, eu nunca trabalhei empregado. Sempre quando comecei a trabalhar já foi aqui, já. É o que eu aprendi a fazer. Estudei, fiz o segundo grau completo, mas na época já tinha aquela responsabilidade de ir tocando. Minha mãe de idade, né, e eu por ser o mais velho da família fui tocando e tô aí até hoje. No meu modo de pensar, o comércio aqui foi enfraquecendo um pouco, né [...]. No passado era local, tinha pouca condução, né. Negócio de ônibus...ônibus aqui que eu me lembro, quando eu era criança, passava um ônibus aqui de manhã e só voltava à tarde [...]. No passado, era arroz, feijão, a carne seca, peixe salgado, peixe nos caixotinhos [...] e uma cachacinha que não pode faltar (LUCIANO CARVALHO VIEIRA, 2022).

3.3. Morro ou “Pedra de Araçatiba

O morro - também denominado “Pedra de Araçatiba”- foi lugar de refúgio dos povos negros escravizados que, como forma de luta e resistência, buscavam escapar da violência da escravidão nos anos anteriores à abolição.

Figura 20: Morro ou “pedra de araçatiba”.



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

O morro de Araçatiba era também um esconderijo de escravos. Quando eles vinham fugidos. Dizem que fugia negro até de Cachoeiro e chegavam aqui. Então, é a primeira chegada! Ao pé do morro tá o rio. Então eles se escondiam. Tem uma gruta que é uma pedra,[...] assim, em cima, e embaixo bem extensa. Então dizem que lá se escondiam os negros. E os outros, né, os irmãos iam lá e levavam as coisa de comida e escondiam eles por um tempo ali. Eles se escondiam no morro e ninguém falava que eles estavam lá. E o pessoal mesmo que sabiam tinham pena porque sabiam que o castigo ia ser dobrado. Aí ninguém falava que tinha negro lá no morro (JANNE COUTINHO DA SILVA SANTOS, 2022).

3.4. IGREJA NOSSA SENHORA DA AJUDA

A igreja Nossa Senhora da Ajuda, situada numa elevação na parte central do bairro, foi construída no início do século XVIII pelos jesuítas. A igreja corresponde a um patrimônio cultural tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1950.

Símbolo da arquitetura dos jesuítas no estado do Espírito Santo, a igreja é uma das maiores referências da religiosidade do lugar e passou por importante reforma durante o domínio de Sebastião Vieira Machado, mais precisamente em 1849. Esta reforma incluiu modificações realizadas na “[...] fachada da igreja, que recebeu as marcas ‘SVM’ e ‘1949’, que, no imaginário popular são registros de uma auto-homenagem [...]” (CIRILLO, 2017, p.57).

Figura 21: Igreja Nossa senhora da Ajuda



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

Figura 22: Ambiente interno da igreja



Fonte: Sidney Rodrigues (2016)

Figura 23: Altar da Igreja Nossa Senhora da Ajuda



Fonte: Sidney Rodrigues (2016)

No depoimento a seguir, por ocasião da “Oficina Recordando a História³”, a entrevistada Emiliana Coutinho da Silva, conhecida na comunidade como “Dona Nini”, toma por base a doação de parte das terras à Santa e podemos constatar o vínculo dos moradores atuais com o lugar Araçatiba:

Figura 24: Dona Nini⁴, moradora de Araçatiba.



Fonte: Página da Banda de congo de Araçatiba no facebook (2022)

[...] a doação não foi de boca não, é documento legal. É por isso que essas terras são Patrimônio da Santa. O Patrimônio todos respeitam. Nenhum fazendeiro pode com a gente. Nós moramos no patrimônio de Nossa Senhora da Ajuda, zelamos por ela até morrer, é por isso que nós temos essa garra [...]. Se não fosse assim, os fazendeiros já tinham invadido essas terras e ela já teria virado uma pastagem. Hoje nós temos uma vila (ARAÇATIBA..., [2007?], p.10).

³A oficina ocorreu no ano de 2007 e foi uma das realizações do projeto denominado “Núcleos de Integração – Uma proposta para o desenvolvimento comunitário”. O projeto foi desenvolvido por meio de uma parceria entre o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE, FURNAS Centrais Elétricas S.A e o Fórum Comunitário de Araçatiba.

⁴Disponível em: <https://web.facebook.com/Banda-De-Congo-De-Araçatiba-739282219592167/photos/790752217778500>. Acesso em: 19/04/2022.

No interior da igreja encontram-se instrumentos musicais antigos, símbolo da presença jesuíta.

Antigamente nessas fazendas é..., tinha que ter vamos dizer status e uma das formas de ter status era essa produção, né. É...não era todas as fazendas que tinham. E aqui tinha uma banda de música, de escravos. E aí, não era toda fazenda que tinha música escrava, era uma questão cultural, pra lembrar da Europa. Aí a fazenda que tinha uma banda, era um atrativo a mais [...]. Esses instrumentos era dessa banda de escravos que tinha na época. Tava ligado à igreja e ao coronel, no caso né. Quando precisava na igreja, era pra igreja! Quando precisava num evento, era nos eventos, pra receber personalidades (JOSÉ FÁBIO COUTINHO DA SILVA, 2022).

Figura 25: Instrumentos musicais antigos encontrados na igreja



Fonte: Sidney Rodrigues (2016)

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Fazenda de Araçatiba era organizada por um conjunto formado pela residência, engenho, senzalas, oficinas e a igreja. Deste complexo, existem atualmente a igreja e a ruína da residência jesuítica.

A produção da Fazenda contribuía para o sustento das aldeias jesuítas e dos antigos Colégio e Igreja São Tiago, em Vitória, transformados no Palácio Anchieta, atual sede do governo estadual.

Disponível em: portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1356/. Acesso em 20/02/2022.

Figura 26: Ruínas da antiga residência jesuítica e o cemitério da antiga fazenda.



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

3.5. Festividades religiosas

Acerca da dimensão religiosa, existem na comunidade seguidores de várias religiões: protestantes, católicos, religiões afro-brasileiras, dentre outras. Para os católicos, sobressaem algumas festas comemoradas no decorrer do ano, como a de São Benedito e a de Nossa Senhora da Ajuda, padroeira da comunidade. No dia 20 de novembro, ou em data próxima, é celebrada a missa afro, em alusão ao Dia da Consciência Negra, ocasião onde são feitas várias apresentações culturais de matriz afro-brasileira.

Figura 27: Cartaz de divulgação da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Ajuda ⁵



Fonte: Página do facebook da comunidade de Araçatiba (2022)

No depoimento a seguir, o senhor José Roberto Rocha, responsável pela guarda da chave da igreja Nossa Senhora da Ajuda, enfatiza a relação entre fé e cultura.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/comunidadearacatiba/photos/971474349645305>. Acesso em 24/04/2022.

Figura 28: José Roberto Rocha, responsável pela guarda da chave da igreja Nossa Senhora da ajuda



Fonte: Arquivo de José Roberto Rocha (2022)

[...] são duas coisas que tem que caminhar junto, porque a cultura, ela é gerada através da fé, né. [...] A gente olha pelo lado da igreja, o quanto a igreja é importante na vida aqui da nossa comunidade, porque através da fé das pessoas que participam da igreja foi se criado muitas obras de culturas, por exemplo, foi criada aqui a banda de congo Mãe Petronilha [...] se for perguntar pra quem participa da banda de congo, a banda é da igreja[...]. Na festa de São Benedito, né, nos festejos de São Benedito que é um Santo da igreja Católica, aonde a cultura entra com a banda de congo. Então, assim, é muito importante pra comunidade, a igreja não somente na parte da formação, de espiritualidade, mas também nessa parte de ter uma história muito grande, né, que não se consegue falar em documentos pelo tempo, alguns chutam aí século XVI, XVII ou até antes, né, a gente tava até tendo uma conversa sobre isso [...] mas a importância da igreja, a formação do caráter é muito importante na nossa comunidade[...] (JOSÉ ROBERTO ROCHA, 2021).

3.6. GONGO

Meu São Benedito, que vem de Lisboa
São Benedito, que vem de Lisboa
com sua coroa, olê olá, com sua coroa⁶

O congo é uma das principais tradições do lugar Araçatiba e representa parte do patrimônio imaterial da comunidade quilombola. A banda, comandada atualmente pelo Sr. Ademir, recebe o nome “Mãe Petronilha” em homenagem à Petronilha Maria da Conceição, antiga líder da banda e parteira da comunidade.

Figura 29: Petronilha maria da Conceição



Fonte: Arquivo pessoal de Emiliana Coutinho da Silva (2022)

Foi uma pessoa que..., ela se envolvia com muita coisa boa que, principalmente, o congo. As pessoas que precisavam de ajuda no parto, ela sempre ajudou. Uma pessoa que toda a vida ajudou, nunca deixou aquelas pessoas na mão, é..., então ela foi uma pessoa que felizmente você podia contar com ela a qualquer momento que ela nunca falava um “não”. E...sobre a

⁶ A composição desse Jongo é de autoria de Petronilha Maria da Conceição e foi apresentada pelo seu neto, o senhor Carlos Gomes, morador de Araçatiba.

banda de congo [...] hoje felizmente nós temos 90% dos tambores foi tudo que passaram pela mão dela. Foram feitos por ela. [...] Foi uma pessoa muito carinhosa com os netos, com os filhos, com as filhas, uma pessoa amável. Foi uma pessoa, assim, que não tinha problema, entendeu?! não tinha problema com ela! Tudo pra ela era ali no sossego, na paz, na alegria. Na época era muito difícil a pessoa procurar um hospital, né. Então todo socorro era ela que fazia, entendeu (CARLOS GOMES, NETO DE DONA PETRONILHA).

Tradicionalmente, as apresentações ocorrem no dia da Consciência Negra, 20 de novembro, e no final do ano, quando o mastro é fincado, e depois arrancado.

Figura 30: O tambor e a casaca são elementos de grande significado nessa tradição cultural de matriz afro-brasileira⁷



Fonte: Página da banda de congo de Araçatiba no facebook (2022)

FIGURA 31: Banda de congo Mãe Petronilha⁸



Fonte: Página da banda de congo de Araçatiba no facebook (2022)

Quanto à importância do congo para a comunidade, destaca-se sua função educativa, em formar o caráter dos mais jovens e o fortalecimento da identidade quilombola.

Mas importante mesmo é a gente reunir e nós tá sempre junto dessa mininada que nós temos aí, pra não deixar ela acabar. Porque, hoje que é o futuro da banda de congo são a mininada, são os meninos. Amanhã ou depois, a gente parar, se eu parar, ou o Alicio parar, todo mundo parar, essa banda de congo termina, acaba. Então nós não podemos terminar não, então é como eu falo assim, pra não deixar isso acontecer não. Então, é uma coisa que é tradição, é uma coisa boa, que é bonita, é uma coisa que é santa, é uma coisa que é de emoção (ADEMIR GONÇALVES GOMES, 2021).

⁷ Disponível em: <https://web.facebook.com/Banda-De-Congo-De-Araçatiba-739282219592167/photos/1747385832115129>. Acesso em 19/04/2022.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/Banda-De-Congo-De-Araçatiba-739282219592167/photos/739285719591817>. Acesso em 03/05/2022.

Figura 32: Ademir Gonçalves Gomes, mestre da banda de congo



Fonte: Arquivo pessoal de Ademir Gonçalves Gomes (2022)

Destaca-se, também, o significado das temáticas abordadas nas músicas cantadas pelos congueiros em alusão às particularidades do cotidiano quilombola.

Fala dos Santos, do cotidiano do quilombola, matas, quilombolas, canoa, matas, passarinho, é a cultura. Não fala dessas coisa, entendeu, assim, não fala coisa, assim, coisa perdida. Coisa que você aproveita. São letras de jongs que ela são tiradas até na hora, no improviso muitas da vezes.

Ali como se fosse uma rima, do cotidiano, do dia a dia, é ..., a pessoa que tá ali no jongo, às vezes ela teve uma semana de ir na mata cortar lenha, então ele faz um jongo daquele cotidiano dele, dele do cumpadi, da vaca, do boi, do leite, do pasto, da mata, do passarinho (ADEMIR GONÇALVES GOMES, 2021).

A EMEF Araçatiba desenvolve o projeto “congo mirim” em parceria com a banda de congo principal (dos adultos). As apresentações ocorrem em festas da comunidade e em outras localidades com o intuito de potencializar a história e a memória por meio das letras das canções.

Figura 33: Andreia Correa Lube, diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Araçatiba ⁹



Fonte: Página da EMEF Araçatiba no facebook (2021)

O congo mirim, ele surgiu de uma necessidade. A nossa escola só funcionava no turno matutino. [...] Eu sou professora, sou alfabetizadora, aí eu senti que tínhamos que fazer um link de uma coisa que eles gostavam muito (o congo) e trabalhando a letra das músicas, aí a gente começou com aquela música “madalena”. [...] Aí depois eu conheci a Néia, que é a esposa do mestre Ademir, e a gente fez uma amizade. A Néia também vinha me ajudar a ensaiar. Quando tinha saída externa, a gente levava as crianças, e a Néia era a minha parceira. É até hoje a minha parceira do congo. E aí a gente leva as crianças, a gente já foi em vários locais. As crianças já se apresentaram em Domingos Martins, a gente já foi na Praça do Papa, na Ufes. Então, foram várias apresentações! [...] Foi daí que a gente também conheceu o mestre, o Seu Alício, que a gente acabou se agrupando. Hoje, a gente não faz apresentações sozinhos, a gente faz o “junto e misturado”, porque as nossas crianças cresceram, então a gente acabou não tirando essas crianças que foram embora, que foram pra outras escolas. A gente simplesmente agrupou “quanto mais melhor”. [...] Quando a gente começa a tocar, ensaiar, eles descem. É no automático: o tambor bateu, eles descem! Quem está ali na comunidade, aparece. Escutou o barulho, bateu o tambor, eles vêm! [...] Nas nossas apresentações, as crianças explicam. Elas falam da casaca e falam sobre tambor. Então, fez com que até algumas crianças que são evangélicas passassem a encarar o congo como um aliado [...] na questão do respeito à diversidade (ANDREA CORREA LUBE, 2022).

3.7. Festas tradicionais

Sobre os festejos tradicionais da comunidade, outrora destacava-se a “Sede”, uma espécie de ponto de encontro dos moradores. Neste local, onde atualmente encontramos a quadra da escola de Ensino Fundamental, nos finais de semana, aconteciam os bailes da comunidade com dança ao som do disco de vinil e do chorinho.

Durante o carnaval, havia o “Baile dos Mascarados” quando os moradores andavam pelas ruas, com máscaras. À noite, a festa continuava na Sede, com músicas e danças. Segundo o senhor Benedito, essa tradição teve início com o senhor Antônio Campos, antigo Tabelião que saía pelas ruas de Araçatiba com sua mula enfeitada.

[...] era no carnaval, tinha carnaval. Na sede a gente fazia o carnaval, andava pela rua mascarado. Tinha seu Antônio Campos, finado Antônio Campos, que era o tabelião daí. Ele tinha a bestinha. Que ele muntava nela, e saía dançando e nós todo mundo tocando, todo mundo mascarado, né, e dançava, ficava nas rua, fazendo aqueles cordão de carnaval, né, e de noite ia pra Sede dançar [...] (BENEDITO FRANCISCO DO NASCIMENTO, 2021).

A festa da Lapinha era uma disputa com músicas e danças apresentadas por dois grupos de meninas, representadas pelas cores vermelha e azul (cordão vermelho e cordão azul).

As músicas era tudo louvando o menino Deus. [...] entre as os partido não tinha rivalidade, os rivais eram os torcedores. Era muito bonita, tem as músicas direitinho. Começava a música festejando a chegada do menino Deus. Depois dançava, dançava, fazia, fazia aquelas, como é que se diz...era muito bonito mesmo, fazia sempre ali no morro da igreja, né.

Traziam muita bebida, muito doce, bolo para os torcedores, né.[...] A gente queria era festejar. Quando chegava meia noite ia pra igreja! Aí todo mundo rezava, festejava o menino Deus. Aí aparecia uma menina vestida de anjo, cantando, saudando o menino que nasceu. Aí saía de lá, quando chegava no coreto outra vez, já parecia uma vestida de estrela Dalva [...]. O pessoal colaborava. Muitos comerciantes, nós comprava tudo novo. As apresentações eram só moças e meninas. Vinha até gente de fora pra assistir, até o prefeito vinha. Eu tenho muita saudade. Esta festa representa pra nós o nascimento do menino Deus. Então pra nós festejava todos os anos e vinha gente de fora porque gostava da nossa festa (EMILIANA COUTINHO DA SILVA, “DONA NINI”, 2022).

3.8. Causos e lendas

É comum ouvirmos em Araçatiba relatos sobre lendas que fazem parte do folclore brasileiro como de assombrações, lobisomem, mula sem cabeça, Saci Pererê, dentre outras que integram o imaginário popular.

Figura 34: Árvore mulembá, símbolo da lenda “A árvore que chora”.



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

O relato a seguir consta no plano anual de projetos e ações da Escola Araçatiba e narra a misteriosa história do pé de mulembá contada pelos moradores.

[...] em meados do século passado, apareceu numa fazenda que ficava aos arredores de Araçatiba, uma família que teria sido contratada para tomar conta da fazenda e trabalharem na lavoura. O casal trazia consigo cinco filhos: três meninas e dois meninos. Muitos moradores conheciam esta família, porque próximo ao local da casa desses recém-moradores, existia um poço em que a comunidade desfrutava como consumo em modo geral. Essa família viera do estado da Bahia. Os moradores mais antigos narram que a casa onde esses caseiros moravam destacava na sua característica por ser construída de estuque e coberta por tabuinhas. O mais interessante nesta história relatada por alguns moradores antigos é que seriam eles mesmos que teriam plantado perto dessa casa, a figueira denominada mulembá, nome popular de árvore nativa da região tropical da África que pertence à família das Moráceas e tem o nome científico de *Ficus Thonningii*. Passado algum tempo, logo após a saída dessa família na região fora descoberto um grande segredo em que revelava que uma das filhas do casal teria abortado e a família enterrado a criança debaixo do pé de mulembá. Esta história de fato aconteceu, mas como sempre em uma comunidade centenária existem histórias e estórias, lendas ou não...Com o passar dos anos até hoje existem moradores que afirmam que a árvore é assombrada, pois todos os dias à meia noite, quem passa perto da árvore ouve-se o choro de uma criança.

O que sabemos de fato que durante o dia, poucas crianças se arriscam de se aproximarem da árvore assombrada sozinhas, assim suponhamos que de fato essa história tem a finalidade dos pais colocarem medo nas crianças de irem para longe dos arredores da comunidade, em especial a esse caminho que leva “árvore assombrada”, pois é um pouco distante, com certeza essa história ou lenda têm dado certo (ARAÇATIBA PATRIMÔNIO E CULTURA EU FAÇO PARTE DESTA HISTÓRIA, 2019, p.6).

Figura 35: Elisabeth Ribeiro Gomes, moradora de Araçatiba e funcionária da escola ¹⁰



Fonte: Sidney Rodrigues (2022)

“Oiai”

Não sei se é lenda, não sei se é invenção, não sei. Mas eu sei que o moço falava, ele era até vivo até hoje também. Então, perto daquele morro lá, lá pra trás tem uma casa, e nessa casa fazia parte da fazenda, e ele trabalhava lá. Então ele dizia que quando ele chegava em casa, tinha uma mulher bonita, uma mulher loura, que tava na casa dele. Ele chegava e essa mulher estava lá. E ele perguntava: “Que que cê tá fazendo aí? Qual o seu nome?” e ela dizia “meu nome é “Oiai”. E aí ele dizia que quando, porque antigamente quando ia pra lá, ia à cavalo, né. Aí ele dizia assim, que quando ele ia, ela montava na garupa do cavalo. Aí ele dizia que ela tava sempre esperando por ele, que ela tava sempre conversando como ele. Mas pra mim, é lenda. Esse homem é da comunidade, e ele conta essa história como se fosse fato real. Tinha essa pessoa que ia nessa casa dele. Era tipo uma companheira dele. [...] Ele tinha que dormir nessa casa, porque no outro dia cedo ele tinha que tirar leite no curral, entendeu?. Então ele dizia que acontecia isso. [...] Aí mais pra frente tem outra fazenda [...] Então quando as pessoas passavam ali pra ir também à cavalo, eles também falavam a mesma coisa, que tinha uma loira que acompanhava [...] Todo mundo sabe disso aqui, dava curiosidade, mas, assim, ninguém nunca saiu daqui do bairro pra ir ver se realmente era verdade, se acontecia. Assim, acreditava nas palavras dele.

Lobisomem

As pessoas muito antiga que tinham por aqui, né. Agora também não sei se é verdade, ou... Aí diziam que tinha um moço aqui que ele até, ele virava lobisomem [...]. Aí diziam que essa pessoa virava lobisomem [...]. Ele era uma pessoa comum, normal, gostava de tomar uma cachacinha. Ele não dizia nem que sim, nem que não. As pessoas é que falavam. Mas como antigamente as coisas aconteciam mesmo, então... as pessoas diziam que viam, né. Na noite de lua cheia eles falavam que, quando a gente vai pra Viana, digamos, aí tem aquelas curvas, saindo aqui, né [...] A gente fala ali a “curva do brejinho”.

A porca e os porquinhos

E os antigos diziam que ali, nessas noites de lua cheia, certas horas da noite, eles falavam que tinha uma porca que passava com os porquinhos por ali, entendeu?! Mas assim, não era uma coisa, assim, real, não sei se era assombração, não sei, mas eles diziam que viam, essa porca passando ali com os porquinhos na curva do brejinho [...]. Acho que eles ficavam espantados, acho que por causa da ocasião, porque de ser igual eles falavam quaresma, entendeu?!

Túnel dos escravos

Eu já ouvi falar no túnel, mas também não sei se é verdade ou mentira, porque eu nunca vi. Mas essa, minha tia mesmo falecida, ela dizia que tinha um túnel. Eles falaram que era até feito de tijolinho, esse túnel. E que ele vinha da igreja e descia. Antigamente era escadaria, agora agente fala rampa, entendeu?. E que passa por ali. Esse túnel vem por alí, por baixo dessa rampa, vem por alí. Agora não sei onde que ele tá. Mas assim, desse túnel eu já ouvi falar, nunca vi, mas eu já ouvi falar que tem [...] Como ele vem lá do morro, como ele vem da igreja, passa ali pela rampa ... E aí tem muitas casas, provavelmente passa, e provavelmente as pessoas nem sabe, entendeu?! Provavelmente as pessoas nem sabem que tem, mas eu já ouvi falar que tem sim.

3.9. Caminhada Ecocultural de Viana

A localidade conta com eventos que estão inseridos no calendário oficial municipal, como a “Caminhada Ecocultural de Viana” que compreende o percurso Viana Sede-Araçatiba e acontece anualmente no mês de julho em alusão ao aniversário do município.

Figura 36: Cartaz de divulgação da 20ª Caminhada Ecocultural de Viana¹¹



Durante a caminhada, com distância aproximada de 13 km, é possível ver paisagens formadas por trilhas ecológicas, fazendas e monumentos históricos. Ao chegar em Araçatiba, os participantes são recebidos com atrações culturais, barracas com comidas típicas e com produtos oriundos do artesanato representativo da cultura local.

¹¹ Disponível em: <https://www.viana.es.gov.br/noticia/ler/5369/-viana-a-cidade-e-voce-aniversario-da-cidade-tem-caminhada-ecocultural>. Acesso em 25/04/2022.

3.10. Artesanato

Figura 37: Caminhada Ecocultural de Viana- 2021¹²



Imagem 38: Artesã Andréa dos Santos Castelo



O meu trabalho, o meu projeto é o artesanato afro, turbante, acessórios. O motivo de eu estar fazendo esses turbantes e acessórios é o empoderamento da mulher negra. [...]. A minha avó sempre usava esses lenços na cabeça. Desde pequena eu já via ela usando esses lenços na cabeça. Eu achava muito bonito! Desde adolescente eu gosto de moda, cores vivas e extravagantes. Gosto de olha e esbanjar alegria[...] Eu comecei fazendo a touca turbante. A minha ideia é levantar a autoestima da mulher brasileira! O que a cor afro representa é que dá um destaque, um empoderamento, a alegria. A importância é a aceitação. Assim, a maioria da comunidade é negra, né, e a importância é a gente ter uma coisa pra mostrar da nossa comunidade. Uma coisa que tem valor. Eu acho que trás um pertencimento, a valorização, autoestima” (ANDRÉA DOS SANTOS CASTELO, 2022).

Figura 39: Turbante e acessórios



Fonte: Arquivo pessoal de Andréa dos Santos Castelo (2022)

Figura 40: Artesã Lorraine dos Santos Gomes



Fonte: Arquivo pessoal de Lorrany dos Santos Gomes (2022)

“Sou nascida aqui desde pequeninha, 1991, e comecei a fazer artesanato desde pequena, sempre gostei. Adoro desenho, adoro arte. E passei a fazer o curso com a Mariazinha de Jucú, aí fiz. Depois, iniciei outro curso também de pães e biscoitos, aí depois comecei o foco de fazer decorações de potes de azeitona desses de vidros. [...] Aí, meus potes decorados é de tecido, de vários tipos de cores. Aí as pessoas escolhem a cor também, se é de cozinha, se é de... pra botar em banheiro, se é de sala [...]. Eu tento mostrar, falar como é a importância do artesanato, reciclagem” (LORRANY DOS SANTOS GOMES, 2022).

Figura 41: Artesã Marilza Machado Costa



Fonte: Arquivo pessoal de Marilza Machado Costa (2022)

Eu nasci aqui em Araçatiba, né. E... quando eu tinha 9 anos de idade a minha mãe falou que nós iríamos ter que estudar. Porque aqui só tinha até o quarto ano, quarta série, né. [...] Minha mãe queria que eu fosse costureira[...]. Eu peguei aquilo pra mim, pra minha vida: “eu tenho que fazer alguma coisa, tenho que agradar a minha mãe”. Aí não era a minha praia, não deu certo!. [...]Aí até que sozinha eu peguei umas revistas, comprei tecido e fui fazendo e consegui desenvolver o bordado, o ponto cruz. Só que eu não faço só o ponto cruz. A minha vida com o artesanato já vem desde pequena [...] Mas eu foquei no ponto cruz. Eu não faço só panos de prato. Eu faço também toalhinhas de batismo. Hoje, eu fiz toalha pra crianças que a mãe fala “ Eu tenho toalhinha até hoje que você fez pra minha filha”. Já tá adolescente a criança!. [...] E eu tenho na minha casa a minha inspiração, eu tenho quadro, minha parede foi eu que fiz com as coisas que eu tinha em casa. [...] Eu tenho a minha área verde que tem a arte envolvida, né [...]. A minha arte é a minha terapia, ela é o meu refrigerio, ela é o que de melhor tem. A minha arte me acompanha no meu melhor momento. Eu morei em Vilha Velha, morei em Cariacica, e Araçatiba é assim, é o reinício. Isso aqui é o meu lugar. Pra mim, a arte faz parte desse lugar” (MARILZA MACHADO DA COSTA, 2022).

Figuras 42 e 43: Bordado em ponto cruz - Flores de Araçatiba



Fonte: Arquivo pessoal de Marilza Machado Costa (2022)

Figura 44: Artesã Marluce Mendes Machado



Fonte: Arquivo pessoal de Marlúcia Mendes Machado (2022)

Sou moradora daqui do bairro de Araçatiba. Tenho 31 anos que eu moro aqui e o meu trabalho é fazer tranças, né. Tem mais de dez anos que eu mexo com isso, e gosto muito de fazer. Eu aprendi sozinha trançar os cabelos e...hoje é uma outra técnica, né, mas eu comecei era uma técnica mais simples, e hoje é uma técnica mais avançada que eu também aprendi sozinha. E assim, antes era mais pra quem tinha cabelo crespo que usava, hoje não, hoje muitas pessoas fazem, homem também faz, faz esse tipo de cabelo, entendeu. Tem muita gente de fora que vem fazer comigo!” (MARLUCE MENDES MACHADO, 2022).

3.11. Gastronomia

Na gastronomia, dentre outros, destaca-se o “soteco de banana” uma espécie de caldo quente preparado com peixe e banana verde com os seguintes ingredientes:

01 penca de banana nanica

½ kg de tomate

½ kg de pimentão

01 cebola grande

01 cabeça de alho

Tempero verde (cebolinha, salsa, hortelã)

01 colher (sopa de sal)

02 limões galego

02 colheres (sopa) de óleo

Colorau

Modo de fazer ¹³

Descasque as bananas e corte em rodela, coloque numa vasilha com água e limão (para que não fiquem escuras). À parte, soque alho e sal, faça um refogado com o tomate, o pimentão, hortelã e demais ingredientes, acrescente a banana. Após refogar bem complete com água até que cubra as bananas, cozinhe em panela de pressão por 20 minutos. Depois de cozido passe o ralador, (o soteco deve ficar consistente, não é ralo como sopa).

O Soteco, ele não é, exatamente, originalmente, da culinária afro. O soteco ele é dos índios, um prato indígena que foi adaptado pra nossa mesa, e ele veio, surgiu pra gente[...]. A gente comia quando perdia a lavoura toda, plantava a lavoura de feijão, perdia toda lavoura. Então, pra substituir o feijão, faziam. Eles faziam a sopa de banana, o soteco que acompanhava, ou com um pedaço de toucinho dentro ou com um pedaço de carne seca dentro, ou com peixe pescado do rio. Moqueca de peixe. Ele é comido mais com moqueca, com o peixe do rio. É... ele veio pra substituir. Não comia pra festejar não! não comia como a gente come agora. Comia no sufoco! perdia a roça, o feijão molhou, deu muita chuva, perdeu tudo, feijão mofou todo, então você comia o soteco, ele era comido no lugar do feijão. Por isso que ele é acompanhado de peixe do rio, ou matava porco. Então um pedaço do toucinho do porco pra dar gosto, tava lá dentro do soteco (JANNE COUTINHO SILVA SANTOS, 2022).

As figuras a seguir representam o prato soteco de banana preparado por ocasião do evento “Preparo e degustação do Soteco” realizado no dia 25/11/2021 e faz parte do trabalho de pesquisa “Hábitos culturais e alimentares da comunidade quilombola de Araçatiba: uma análise do Soteco¹⁴”.

¹³ Conforme apresentado em 2007 durante a realização do projeto denominado “Núcleos de Integração – Uma proposta para o desenvolvimento comunitário”. O projeto foi desenvolvido por meio de uma parceria entre o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE, FURNAS Centrais Elétricas S.A e o Fórum Comunitário de Araçatiba.

¹⁴ O estudo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Nutrição, vinculado ao Centro Universitário Salesiano, de autoria de Denize Adriana Pinto Matias.

Figura 45: Preparo do Soteco de banana



Fonte: Arquivo pessoal de Denize Adriana Pinto matias (2021)

Figura 46: Soteco de banana



Fonte: Arquivo pessoal de Denize Adriana Pinto matias (2021)

4. Os “Guias Mirins”

Na entrada do bairro, em frente à Escola Araçatiba, encontra-se a mensagem “gente de Araçatiba”. Este local é o ponto de partida de um roteiro de visita cujo objetivo é contar a história da comunidade, percorrendo locais representativos do patrimônio cultural quilombola.

Figura 47: Estudantes da EMEF Araçatiba apresentando a comunidade - Projeto “Guias Mirim”



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

Figura 48: Guias Mirins



Fonte: Sidney Rodrigues (2021)

Os Guias Mirins surgiram de uma necessidade que nós tivemos, foi... desde 2015 quando surgiu a escrita do livro ‘Araçatiba patrimônio e cultura: eu faço parte dessa história’. Então como nossa comunidade é uma comunidade é... conhecida em nosso município e fora do município, porque foi onde tudo começou, né. E aí vinham pessoas visitarem o bairro e a gente não tinha quem apresentasse os pontos importantes, os pontos turísticos daqui de Araçatiba.

Então foi daí que surgiu a ideia, foi quando a gente começou a estudar o livro que professor Cirillo escreveu. Aí a gente resolveu levar os alunos pra conhecerem os pontos mais importantes, o sítio arqueológico, é... conhecer a igreja, conhecer o sítio arqueológico II. Então foi daí que começou também eles saberem como surgiu o nome da comunidade é.. Araçatiba e aí os alunos se encantaram, se apaixonaram. E foi aí que tudo começou (DIRETORA DA EMEF ARAÇATIBA, ANDREA CORREA LUBE, 2022).

Figura 49: George Ailton Ribeiro, educador da EMEF Araçatiba.



Fonte: Arquivo pessoal de George Ailton Ribeiro (2022)

Eu me sinto agraciado e pleno pela escolha que fiz em fazer parte da docência nessa comunidade de tamanha riqueza cultural e de projetos como o Guias Mirins que endossa fortemente nos alunos o orgulho de ser filho da comunidade de Araçatiba, e também de ser receptor das raízes e propagar, também, a história da comunidade remanescente quilombola, e a história, também, do município de Viana.[...] Além do fortalecimento da identidade quilombola, a escola vem então para cumprir o seu papel de resgatar e dar continuidade a essa identidade cultural que a comunidade luta para não perder a sua essência e a sua história (GEORGE AILTON RIBEIRO, 2022).

Figura 50: Desenho de Thierry, 9 anos.



Figura 51: Desenho de Eduardo, 11 anos



REFERÊNCIAS

CIRILLO, José. **Araçatiba**: Patrimônio e cultura. Vitória: UFES, Proex, 2017.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Igreja de Nossa Senhora da Ajuda - Viana (ES)**. Portal Iphan. 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1356/>. Acesso em: 14 mai. 2021

Núcleos de Integração Comunitária. **Araçatiba**: Terra de Descendentes de Escravos e Patrimônio da Santa. Cartilha, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VERTELO, Marcos Aurélio. **Comunidade de Araçatiba, Viana, ES**: herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição. 2017.118 f. Dissertação(Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória,2017.

